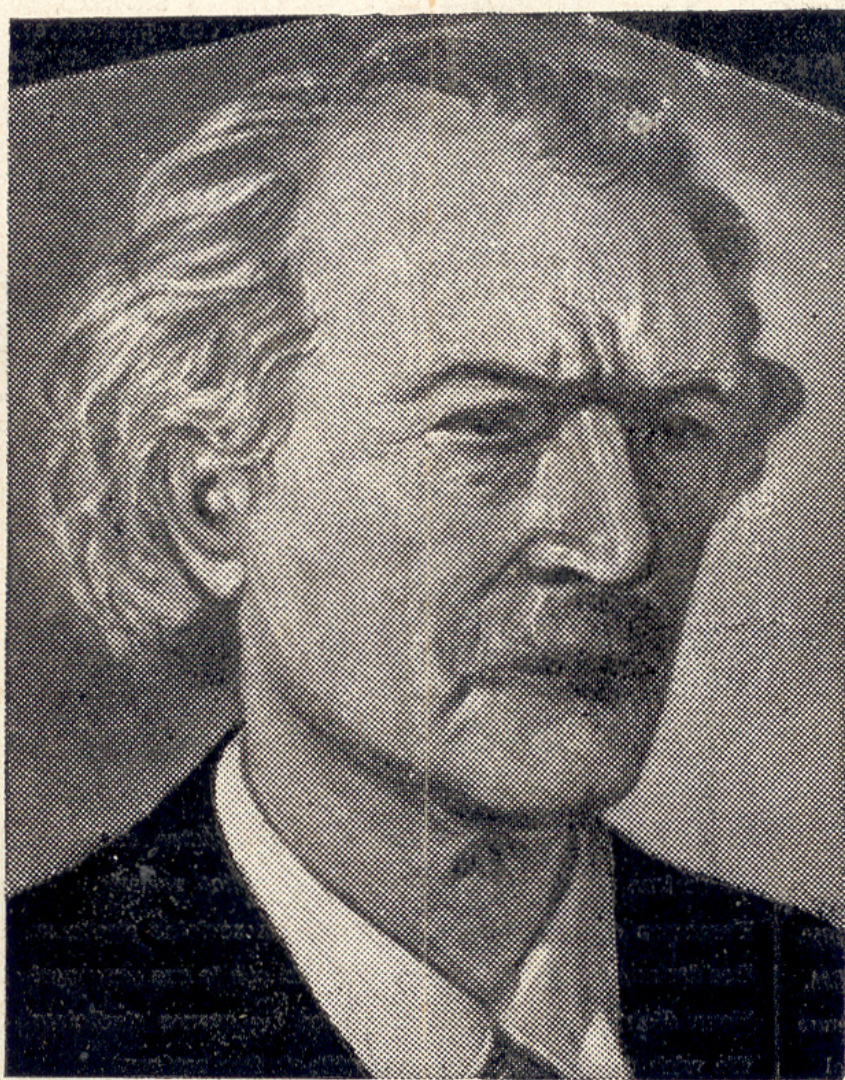
Resenha Musical

Prof. Clovis de Oliveira
Diretor

Profa. Ondina F. B. de Oliveira
Redatora

Ano III • S. PAULO — JUNHO - JULHO 1941 • N. 34-35

INÁCIO PADEREWSKI

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil.

Uma assinatura anual de RESENHA MUSICAL custa apenas 20$000.
Numero avulso . . . . 3$000
Suplemento avulso . 3$000

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, é **expressamente proibído.**

Colaboração escolhida e solicitada. RESENHA MUSICAL não devolve originais.

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrazados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

P E R M U T A

Leia e assine **RESENHA MUSICAL** Assinatura anual **20$000**

Desejamos estabelecer permuta com as revistas similares.
Ni deziras starigi intershanghon kun similaj revuol.
Deseamos establecer el cambio con las revistas similares.
Desideriamo scambiare la nostra rivista con le sue congeneri.
Nous désirons établir l'échange avec les revues similaires.
We wish to establish exchange with similar reviews.
Austausch mit aehnlichen Berufszeitschriften erbeten.

RESENHA MUSICAL
R. Conselheiro Crispiniano, 79
8.º andar
São Paulo

Resenha Musical

PADEREWSKI

A 30 de Junho, no hotel Buckingam, em Nova York, faleceu Inácio Paderewski, o famoso pianista e estadista polonês.

Nasceu em Kourilowka, em 1860, e entrou no Conservatório de Varsóvia com apenas 12 anos de idade, realizando sua primeira "tournée" na Rússia, em 1876, quando ainda estudante. Em 1878 foi nomeado professor no Conservatório de Varsóvia, continuando seus estudos de composição e orquestração em rápidas viagens a Berlim e a Viena, onde trabalhou várias semanas sob a direção de Leschetizki. Como pianista estreou em Viena, triunfalmente. Depois dos primeiros concertos em Londres (1895) realizou sua primeira "tornée" nos Estados Unidos.

No seu repertório dominava Chopin, o grande romântico polonês. Nascidos na mesma terra, alimentando as mesmas aspirações, ambos sentiram profundamente o amôr à Pátria atormentada. Comemorando-se em Paris o cincoentenário da morte de Chopin, Paderewski disse — "Tudo nos foi proibído: a língua das nossas mães, a fé dos nossos páis, a religião do passado, nossos costumes e nossos poétas. Deixaram-nos apenas Chopin, mas em Chopin encontramos tudo que nos foi proibído".

Paderewski dedicou-se também à composição deixando numerosas peças para piano, uma Sonata para piano e Violoncelo, várias melodias para piano e canto, um concerto em Lá menor e uma "fantasia polonesa" para piano e orquestra, uma ópera ("Manru") representada em Dresda em 1901, uma "Sinfonía em si menor" e muitas outras composições.

O Perú Musical contemporâneo

ANDRÉ SÁS

Trad. de Genésio Pereira Filho

Sem compartilhar dos habituais lamentos dos colegas que costumam queixar-se da indigência do ambiente musical de Lima, (1) sem que êles mesmos contribuam muito para favorecer seu progresso, póde afirmar-se que este chegou à sua maior plenitude (não digo: ao máximo de suas possibilidades), sobretudo se considerarmos a qualidade dos meios artísticos de que dispõe e o estado em que se encontra, desde há muito, o ensino musical que ilustra ao público em geral. Este meu otimismo, ou ésta fácil posição de alguem que aparentemente se contenta com pouco, necessita de uma explicação. Ei-la aqui:

Adormecido (segundo o dizer de muitos) pela languidês de um clima benígno; favorecido por uma existência que ignora as verdadeiras "lutas pela vida"; e ensoberbado pela excessiva bondade de um público não muito exigente, o músico peruano não experimentou, durante largos anos, a necessidade de esforçar-se muito para chegar a criar para si uma situação que, até há pouco, lhe permitisse ir vivendo. As consequências lógicas deste estado de cousas foram: para o executante, uma perícia duvidosa; para o compositor, a ociosidade que atrofia a inspiração; e, para todos, o fastio.

Mas, com o progresso natural dos homens, dos ambientes e das cousas; com os maiores requisitos de um público cuja cultura musical princípia a ter exigências maiores, devido em parte à frequente vinda de artistas extrangeiros de fama mundial; com a grande redução do trabalho mercenário, a causa da supressão do acompanhamento orquestral nos cinemas, das transmissões radiofônicas e da música mecânica; e, recentemente, com a criação da Orquestra Sinfônica Nacional, aumentou, para o executante, a obrigação de estudar e de esmerar-se, para viver e destacar-se; para o compositor as consequências foram de maior número do que para o anterior, ou seja a instigação para escrever óbras que êle começa a ter a possibilidade de fazer executar.

O novo ambiente musical profisional de Lima tem, pois, apenas alguns anos de vida, e, por ésta razão, e pelo que aos compositores se refere, carece, todavia, de rumo. Este último tambem ha de aclarar-se, principalmente porque outras causas negativas vêm a juntar-se à anterior.

Se bem seja certo que o número de compositores "sérios" peruanos esteja muito reduzido, não é certamente por faltar-lhe dotes, ou instintos musicais à massa, senão em grande parte pela deficiência (já o disse) do ensino *ad hoc*. Não é ousado o afirmar que a única instituição governativa não responde a tudo quanto poderia e deveria exigir-se dela, e os conservatórios particulares nem sempre têm as possibilidades práticas de suprir totalmente as imperfeições da Academia Nacional de Música e de Declamação "Alcedo". Por conseguinte, a grande maioria dos compositores peruanos tiveram que "fazer-se" a si mesmos, empiricamente, com tudo o que este sistema educacional implica de pouco vantajoso e de muito defeituoso; quanto aos raríssimos favorecidos que tiveram a sorte de estudar na Europa, não parecem haver tira-

do desta inegavel vantagem todo o partido que dela poder-se-ia esperar, ainda que seja justo dizer também que os que foram ao Velho Continente o fizeram com seu próprio pecúlio e não pensionados pelo Estado.

Finalmente, outra das causas, as principais que mantêm o estado caótico em que se encontra a composição no Perú contemporâneo, começa a delinear-se já; sua origem é muito mais literária que especificamente musical, e consiste, para certos compositores, em forjar teorías estéticas apriorísticas, cujo valor não quero discutir, mas que nenhuma óbra de peso vêm a justificar ou a confirmar. Penso fundadamente que os compositores peruanos não devem (nem, todavia, estão em condiçõeõs) de perder seu tempo em formular ou buscar problemas de ordem estética que só poderão resolver ou encontrar depois de haverem produzido já algumas óbras de relevo e de valor efetivo. Quando o Perú contar com uma quantidade suficiente de compositores e de óbras musicais representativos, será tempo, então, de idear, se é que não as hajam encontrado inconcientemente (que é o mais provavel), fórmulas estéticas racionais.

Todas as discriminações anteriores estão confirmadas pelo único fáto de que os dois compositores peruanos mais nomeados (e mais dignos de sê-lo) até agóra, pertencem ao passado: José Beranardo Alzedo (1798-1878), educado por sacerdotes, autor do Híno Nacional Pátrio e de diversas óbras religiosas e profanas; e José Maria Valle Riestra (1858-1925), educado em França, compositor que poderia figurar honrosamente na lista dos pequenos maestros meyerbeerianos franceses, e autor, entre outras óbras, de uma ópera, *Ollanta*, cujas tendências nacionalistas são muito mais históricas que musicais, apesar de haver interpolado na partitura, alguns têmas indígenas. (sua ubicação na história da música no Perú será idêntica à de Antonio C. Gomes no Brasil; não me atrevo a dizer à de Glinka na Rússia, porque me conduziria demasiado longe).

*
* *

O que, unicamente, poderia justificar, mais ou menos, a agrupação da maioria dos compositores peruanos contemporâneos em uma Escola Nacional, é sua fonte de inspiração comum, diréta ou indiretamente localizada no folclóre indígena, qualquer que seja sua maneira de interpretá-lo. Curioso póde parecer, por outra parte, que nenhum compositor peruano haja, até agora, se inspirado no suposto folclóre negro que, afirma-se, florece ao largo da costa nacional. Isto não me extranha pessoalmente, pela simples razão de que *não ha, no Perú, problemas nem música negros;* só ha uma música originada pela Colônia e *interpretada* por negros, mulatos e criolos brancos. (2).

Alguns compositores de educação ou de sensibilidade preferentemente européia, escapam forçosamente a todo intento de fazê-los figurar, pelo único fáto de haverem nascido peruanos, em uma Escola Nacional, ainda no caso de haverem tratado uma ou outra vez um têma índio ou de intenção ínca. Entre estes figuram: Federico Gerdes (1873), atual Diretor da Academia Nacional de Música e de Declamação "Alcedo" (nova ortografia do apelido do Tirteo peruano), educado na Alemanha, autor de peças para piano, violino, canto, côros, etc., temperamento finamente artista, sempre adito à harmonia e ao contraponto que fizeram a fortuna dos líderes post-românticos germanos; Monsenhor Pablo Chávez (1899), Maestro de Capela da Catedral de Lima, educado na Itália e autor de um caderno de *Prelúdios Incáicos*, para piano, óbras religiosas, cantos escolares, etc., todas éstas peças consequentes a uma inspiração e uma técnica acórdes com a personalidade religiosa do compositor; Luiz Pacheco Céspedes (1895), educado na França, diretor de Orquestra, regressando recente-

mente a Lima, e compositor de óbras líricas e para orquestra, música de câmera, etc.; Alfonso de Silva (1903-1937), temperamento lírico completamente europeizado, devido muito à sua larga estadía no Velho Continente, e tambem a seus próprios instintos; autor de melodias curtas, tanto para piano como para a voz, cheias de encanto, como uns *Lieder sin palabras;* compositor cuja vida ridiculamente desorganizada foi truncada sem que pudesse dar o que parecia prometer.

* * *

Entre os compositores cujas óbras têm um forte raizame índio, figuram: Daniel Alomías Robles (1870), atual Chefe da Secção de Belas Artes no Ministério de Educação Pública, empenhado divulgador do folclóre peruano nos Estados Unidos, autor de uma ópera, *El Condor Pasa,* e de várias melodias para canto; Raul de Verneuil (1901), cujo recente regresso à sua terra natal, procedente da Europa, onde viveu largos anos, não permitiu ainda apreciar as óbras que escreveu para piano, violino, canto, música de câmera, orquestra, etc.; Theodoro Valcárcel (1900), compositor prolixo, muito representativo da maneira índia, de grandes instintos musicais, ainda que um pouco desordenados, autor de peças para piano, violino, canto, orquestra, etc.

Um dos estilos peruanos mais típicos, nascido da conjunção combinada de elementos hispânicos, criolos, mestiços e índios, chamado por mim: "estilo arequipense" (3) tem já alguns cultores naturais, entre os quais acostuma-se destacar a Luiz Duncker Lavalle (1874-1922), (4) cujo prestígio (que não é pouco) descansa, que eu saiba, exclusivamente sôbre sua valsa *Quenas*, que seu próprio autor qualificou de "valsa característica índia" (?). Ainda correndo o risco de que todos os raios do Senhor arequipense me partam, devo confessar avergonhadamente que não encontro em este singelíssimo e agradavel *laendler* criolo, nada de particularmente genial, e, por outra parte, encontro algo atrevido o exalçar com tanta grandiloquência e desmedida a um músico cujo único recorde consiste em haver escrito uma valsa em um estilo tipicamente arequipense, mas de fatura genuinamente germânica. Subir muito alto traz consigo o consequente perigo de cair-se muito baixo; verdade alpina que muitos olvidam ao empregar irrefletidamente o vocábulo "genio", que, substituido por um qualificativo menos exigente, salvaria ao interessado de futuras críticas muito amargas; Roberto Carpio (1901) (5) e Carlos Sánchez Málaga (1904), ambos autores de peças infantís para piano e para canto só ou coral, são representantes do estilo arequipense tratado com relativo modernismo: a música espera, todavia, deles óbras de alento que venham a demonstrar o bem fundado de suas teorías estéticas nada atrevidas nem ilógicas, e que são absolutamente idênticas às tomadas em conta pela maioria

dos compositores que de longe ou de perto pertencem a alguma escola nacional "constituida". Manuel L. Aguirre (186?), compositor amador, temperamento refinado e de grande sensibilidade artística, é, até hoje, o músico mais sincero e menos preocupado por problemas estéticos (tal como Duncker Lavalle, e, ha de supôr-se, por falta de conhecimentos técnicos, o que êle confessa com toda honradês) que haja produzido Arequipa, e suas peças para piano ou para canto, ingênuas mas muito poéticas, cheias de recordações e de distinção, fazem dele uma espécie de Stephen Foster arequipense (a distinção demasiada talvês) com um pouco menos de "métier"; Ernesto López Mindreau (1891), cuja inspiração eclética nos leva de sua ópera *A Nova Castilla ao Jondero* de Lima (dansa popular criola negroide), passando por prelúdios pianísticos bachianos ou mendelssohnianos não chega a tranquilizar sua nervosidade artística, e por isso mesmo corre perigo de exgotar-se antes de haver feito raízes. De Walter Stubbe, diretor de orquestra e compositor, que acaba de volver da Europa, onde passou grande parte da sua vida professional, não escutamos nada até agóra.

Em resumidas contas, o Perú atual, apesar de contar com músicos de talento, não produziu ainda nenhum compositor digno de figurar paralelamente com os pintores ou literatos nacionais ostentados já airosamente pela História da Arte americana. Sem embargo, quero repetir uma vez mais, que isto não é culpa absoluta dos próprios compositores, nem por faltar-lhes dotes musicais, senão por haverem carecido de meios para educar-se musicalmente.

---

1 — Não digo **peruano**, porque o País, fóra de sua capital, não intervem efetivamente na vida musical nacional. Faço, sem embargo, uma pequena exceção para Arequipa, cidade musical entre todas, onde existe uma orquestra constituida por muitos afeiçoados e alguns profissionais. Ésta cidade é, ademais, o berço de um estilo cuja expressão encontra seu ponto culminante e mais característico em um "Yaravi" regional, verdadeiro **lied** nacionalizado, que merece sem subterfúgio algum, as honras de figurar entre as produções mais típicas da arte folclórica, popular e artística da América e ainda do mundo inteiro.

2 — Devo reservar para outra oportunidade a fácil demonstração desta tão rotunda afirmação minha. Sem embargo, uma dama de Lima, senhora Rosa Mercedes Ayarza de Morales Solar, que muito se interessa pelo folclóre chamado "negro", recolheu alguns pregões afro-peruanos; publicou-os, acompanhados de algumas dansas costeiras originais. Este único intento, por muito louvavel que seja a intenção, não modifica a regra: nem música negra, nem evidentemente, nenhum compositor inspirado por ela, não existem.

3 — Arequipa é atualmente a cidade mais importante do Perú, depois da capital nacional. Todos os compositores que praticam o estilo arequipense são oriúndos desta "cidade dos poétas".

4 — Considerado não só como valor arequipense, sinão tambem como verdadeiro gênio nacional. Escreveu algumas peças mais, no mesmo estilo, mas muito menos conhecidas que sua Valsa.

5 — Escreveu tambem um quarteto de cordas.

SOLOVOX

Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

"Dia virá, e não está longe, em que todos os pianos, eréctos e rabilongos... desaparecerão, de uma vez, do ruidoso cenário musical, e irão fazer companhia aos cravos e a saltérios no recésso solitário dos museus cumprindo a praga, ou melhor a profecia do ilustradíssimo Saint-Saens" (1).

E esse futuro, tão bem previsto, aproxima-se vertiginosamente pelas contínuas invenções, verdadeiras novidades, que surgem diariamente no campo artístico instrumental, frutos de um labôr profícuo e engenhoso do imaginoso cérebro do homem do século XX.

Não é isso um fenomeno. E' o evoluir transcendente da mentalidade humana. E' o progresso da arte que se refléte na própria arte.

Fruto dessa evolução aí está esse novo e extraordinário instrumento elétrico, o SOLOVOX.

Oriúndo da fábrica Hammond, ele se impôz como instrumento solista, como diz seu próprio nome. De pequeníssimo tamanho, ele póde ser anexado em qualquer piano e, então, ambos pódem ser executados por uma mesma pessôa. Suas teclas são tocadas uma a uma em qualquer dos tons desejados por meio de seletores situados sob o teclado. Esses seletores combinados entre si, podem produzir os timbres mais variegados e ráros, enriquecendo e dando realce às mais bélas melodias ou frases musicais. O seu fim principal, por conseguinte, é agregar vózes solistas à música do piano. Simples em seu manejo, apresenta vantagens aos músicos e diletantes. Ao mesmo tempo que recreia, desenvolve o gosto artístico. Devido ao seu pequeno porte, póde servir como guia orfeônico nos ginásios, escólas normais e conservatórios de música, assim como nas capélas e igrejas. Utilizado como instrumento cantante nos conjuntos orquestrais ou de Jazz, a eles emprestará efeitos maravilhosos. Nas estações de Rádio, marcará uma nota nova e expressiva em seus programas. Muito util no ensino musical infantil e nas execuções de conjunto, apresentará diariamente e a todo momento, uma novidade musical que prenderá a atenção e divertirá os discípulos, eliminando o fastio e a monotonia das aulas. Quanto ao volume de som é de extensão quasi que ilimitada, prodígio da eletricidade. Ao pianista facilitará o preparo das vozes, permitindo-lhe fazer com a mão direita a parte solista, o violino, a flauta, o tenor, o célo, etc. Enfim o SOLOVOX cria um novo interesse musical e permite melhormente desfrutar em toda amplidão a mais béla das artes.

E a música do futuro terá nos instrumentos elétricos, seus maravilhosos veículos de expansão.

(1) Flausino R. do Vale: "Extinção das claves", artigo — Resenha Musical, São Paulo.

AOS ASSINANTES

— AVISO —

Lembramos os srs. assinantes cujas assinaturas vencem com o presente número, o obsequio de enviarem por cheque ou vale postal, a importância de 20$000, correspondente a uma assinatura anual, evitando assim a interrupção da remessa desta revista.

CONCERTOS

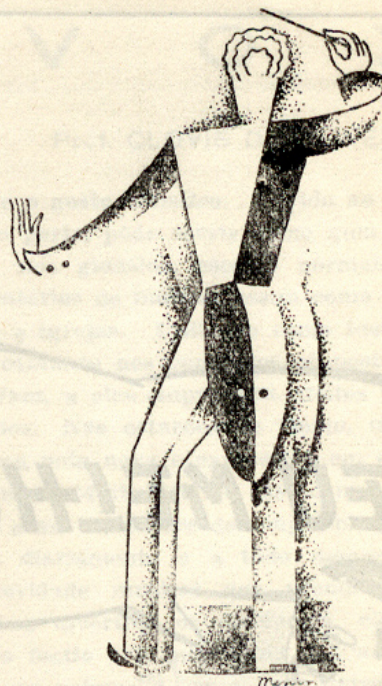
Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

ALEXANDRE BOROWSKY

Alexandre Borowsky, realizou quatro magníficos concertos dedicados a música de J. S. Bach para o culto público da Sociedade Cultura Artística, o último dos quais em 27 de Maio.

O que foram os seus concertos, realizados no Teatro Municipal, podemos ressumir apenas, que lograram um êxito absoluto, tanto para o artista como para o nosso público. Foram, como já escreví anteriormente, aulas ministradas por um grande mestre, habituado a dissertar sobre a profundeza da incompreendida óbra de J. S. Bach, com incomparaveis execuções e largo conhecimento.

Borowsky é, talvez, o único grande pianista intérprete de J. S. Bach. Dedilha suas óbras com uma familiaridade perfeita. Seus concertos foram frequentados por jovens estudantes e por pianistas da nossa élite artística. Esses jovens, ao lado de outros musicistas, tiveram oportunidade de aprender muita cousa nova, muita cousa de maxima importância numa execução, que o disco e nem professores ensinam. Vejamos entre outras cousas aquela execução sensivelmente tactil que colore ricamente os fraseios, têmas e vózes; o emprego raro do pedal, que permite uma clareza transparente, perfeitamente límpida do rendilhado bachiano; o ataque dos acórdes, amplos, justos, equilibrados; equilíbrio sonóro exatíssimo; andamento sempre calmo, mesmo num "allegro", num "vivace" ou "presto". Bach foi, portanto, revelado! Assim é que deve ser executado J. S. Bach!

Sinto-me satisfeito pela ovação que o público de S. Paulo ergueu ao pianista Alexandre Borowsky, ao concluir sua série de concertos dedicados a J. S. Bach. Conclusão essa que foi empolgante, inesquecivel, porque nunca mais esqueceremos as suas magistrais execuções.

CONCERTO SINFONICO

Com numeroso público, realizou-se em 23 de Maio, no Teatro Municipal, o concerto sinfônico sob a regência do ilustre maestro Camargo Guarnieri, promovido pelo Departamento de Cultura. Prestou seu concurso nessa noite, a sta. Eunice Catunda, jovem pianista, que executou com orquestra, um dos Concertos de Beethoven.

Do programa, impressionou-nos vivamente a béla Sinfonía de Nepomuceno. Percebe-se nessa óbra a influência que exerceu sobre o autor o meio ambiente. Não raro percebe-se Wagner, em Nepomuceno. O pioneiro da música brasileira, foi um influenciado da música alemã. Essa Sinfonía, é uma óbra que deveria ser mais vezes executada, porque revela o saudoso Alberto Nepomuceno, senhor de uma técnica orquestral bastante extensa. Revela-se largamente músico e inspiradamente artista.

A execução do Concerto p. piano e orquestra de Beethoven, esteve equilibrada. A sta. Eunice Catunda, como estreante, foi bem. Faltou-lhe mais robustez e maior li-

berdade de execução. Durante a mesma esteve muito presa as marcações do regente, o que cerceou-lhe toda a independência necessária para executar e interpretar bem, não obstante ter essa atenção contribuido para a justeza ritmica. O maestro Guarnieri teve que manter a orquestra num "piano" constante para não encobrir a execução pouco volumosa da jovem pianista.

A orquestra portou-se bem em D. Juan, de R. Strauss e em Tucha, de F. Mignone.

O regente, ilustre maestro Camargo Guarnieri, portou-se com brilho, dando muita muhicalidade às execuções do bélo programa que organizou.

SARAU DE BAILADOS

A Filarmônica presenteou o seu público com um bélo Saráu de Bailados, a cargo dos bailarinos Chinita Ulmann, Ketty Bodenhein, Décio Stuart e corpo de Baile, que deixou inesquecivel lembrança aos que tiveram a ventura de comparecer em 29 de Maio, no Teatro Municipal.

A Suite Peer Gynt, de Grieg, cuja atuação orquestral explêndida secundou com mérito a não menos explêndida apresentação do corpo de baile, teve em Alvorada (a), Morte de Ase (b), Dansa de Anitra (c), e na Caverna do Rei da Montanha (d), como principais intérpretes Mauriche Muniz, Elke Stupakoff, Mercês da Silva Teles, Maria Inêz Miler e Nilse Mar. Porém a peça que mais destaque imprimiu ao programa foi o "Baile Infantil de Mascaras", de E. Melich. Óbra muito bem trabalhada, tanto sob o ponto de vista musical como coreográfico, foi interpretada com muita graça e inteligência por todos bailarinos.

Muito bem apresentada, tambem, a óbra "Fada da bonéca", de Bayer, cuja ensenação esteve a altura do fino espetáculo. A delicada pantomima foi bem interpretada tendo agradado imensamente.

Regeu a orquestra o maestro E. Melich, que a manteve na altura da responsabilidade do importante programa.

CONCERTO SINFÔNICO

O último concerto realizado em Maio, pelo Departamento Municipal de Cultura, foi dirigido pelo ilustre regente E. Melich e realizou-se em 31.

Abriu o programa a Ouverture da "Fosca", de Carlos Gomes. Seguiu-se a delicada execução do "L'après-midi d'un faune", de Debussy. O m.º Melich apresentou os "Quadros de uma exposição" de Mussorgsky, que orquestrou muito habilmente. Esta óbra foi bem executada pela orquestra, trabalhada e lapidada pelo seu exímio regente. A importante óbra de Dvorak, "O Novo Mundo", teve uma apresentação a altura de seu valor. O público soube compreender o mérito dessa óbra, ovacionando o regente com entusiasmo.

RECITAL DE NICE COSTA

O piano é o instrumento mais universalisado, e, é porisso, que tantos pianistas precoces, aparecem. Bons e máus. Os últimos são os mais comuns e por essa razão é que ficamos meio desconfiados quando anunciam um concerto de um ou uma solista precoce.

Foi com esse espírito prevenido que fômos ouvir Nice Costa. Entramos desconfiados e saímos satisfeitos, porque a sua apresentação esteve à altura de uma infantil pianista que inicia com fortes raios de luz a sua carreira de "virtuose". Vocação decidida, Eunice Costa trata o piano com doçura musical e entusiasmo infantil. Seus pequenos dedos fazem prodígios ao executarem trechos como o Tambourin, de Rameau-Godowsky, Berceuse, de Chopin, La Campanella, de Liszt.

Enfim Eunice Costa ainda criança já denota com seu desenvolvimento técnico e artístico o quanto futuramente, e, talvez, não tardará muito, poderá apresentar com seu grande e prodigioso talento.

— Realizado em 29 de Maio, no Salão do Conservatório.

ANTONIO MUNHOZ

Um concertista que já ha tempos não ouviamos e do qual sentiamos saudades, era Antonio Munhoz. Artista formado em São Paulo com estágio no estrangeiro, Antonio Munhoz apresentou-se antes, muitas vezes nesta Capital, sempre colhendo hosanas à sua arte.

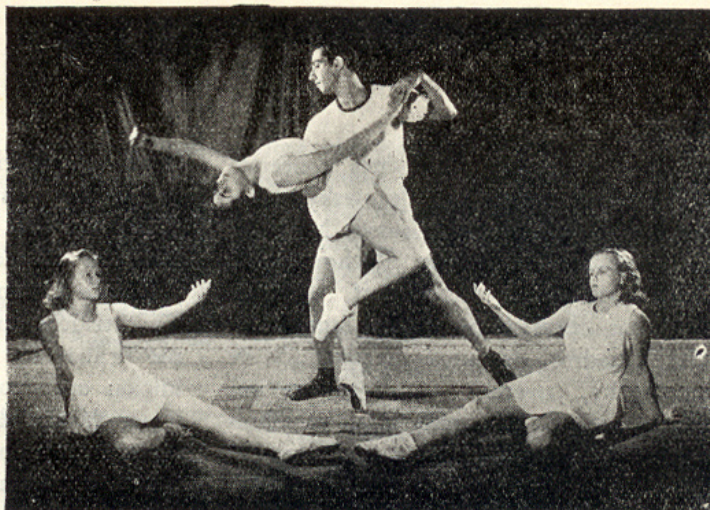
Em 4 de Junho, o Departamento Municipal de Cultura, apresentou-o em um concerto exclusivo. Muito aplaudido o conhecido pianista iniciou seu programa com as variações, de Haydn, denotando uma execução muito meticulosa e equilibrada. Após executar entre outras óbras de Chopin, uma delicada Mazurka, com um *toucher* muito próprio, apresentou uma parte de autores modernos. Podemos afirmar que Antonio Munhoz é um ótimo intérprete dos autores modernos. Joga bem com os imprevistos da fatúra musical hodierna, assim como dá-lhes o brilho ou a expressão que a sua sensibilidade artística exprime com veemência ou ponderação. Destacamos desta parte, a execução, principalmente, das óbras de Albeniz e Frutuoso Viana.

A assistência pelos seus entusiásticos aplausos, obrigou-o a conceder vários extras.

BOROWSKY

474.º Saráu da Cultura Artística

Com um programa de músicas rússas, despediu-se em 10 de Junho do publico da Sociedade de Cultura Artistica, o eminente pianista Alexandre Borowsky.

Como das vezes anteriores, Borowsky patenteou o vigôr de sua cultura musical e a firmeza de sua formação pianistica. Com a mesma sensatez e meticulosidade

CORPO DE BAILE

CHINITA ULMANN

S. PAULO

com que interpretou Bach, nos concertos anteriormente realizados, Borowsky apresentou-nos os compositores russos Moussorgsky, Prokofieff, Scriabine, Rachmaninoff, Metdner, Liadoff e Liapounoff, enriquecendo suas óbras com mágica fantasia.

Os "Quadros de uma exposição" de Moussorgsky, tiveram em Borowsky um versor completo. E como esta, as óbras de Scriabine, tambem foram superiormente executadas. Admiramos em Borowsky, principalmente, o artista sério que ele é. Grandiloquente, é a sua franqueza artística, simples e natural. Não retóca sua arte com inúteis futilidades ou superfluidades, que despertam olhos curiosos mas que não despertam os corações essencialmente artistas. O seu colorido, portanto, é a expressão maxima de sua musicalidade.

A Sociedade de Cultura Artistica, cuja benemerencia muito tem contribuido para o elevamento do nivel artistico paulistano, deve sentir-se grata pela fidalguia com que seus associados têm compensado seus esforços de bem servi-los, premiando sua incançavel atividade com dedicada cooperação e aplauso. Esta série de concertos a cargo do insigne mestre Alexandre Borowsky, vêm confirmar nossas palavras, porquanto alcançou um êxito artistico invulgar. E nós, por nosso lado, tambem, louvamos essa edificante atividade que enaltece S. Paulo, enviando a Diretoria da Cultura Artística, nossas congratulações.

SOCIEDADE BACH

O ultimo concerto da Sociedade Bach, realizado em 16 de Junho, constituiu uma agradavel hora social e artistica.

Fizeram-se ouvir nessa noite a ilustre cantora Lia Fuldauer, a jovem pianista Eunice Catunda e o homogeneo Coral da Sociedade, sob a regencia do m.º M. Braunwieser. Os acompanhamentos ao piano estiveram a cargo da conhecida pianista Tatiana Braunwieser.

Iniciou o programa a cantora Lia Fuldauer que portou-se com magnifica expressividade, aproveitando com absoluta circumspecção todos os detalhes das óbras que interpretou para nuançar esplendidamente com sua delicada vóz.

Eunice Catunda, demonstrou possuir dótes artisticos muito apreciaveis que a farão brilhar na carreira que abraçou e que iniciou auspiciosamente. Sua técnica bastante elástica deu possibilidade para apresentar-nos as óbras de J. S. Bach, que executou, com um carater firme e com jogo temático bastante cuidado. Sua execução agradou imensamente.

Concluindo o Coral da Sociedade Bach, sob a competente direção do m.º Martin Braunwieser, cantou diversos trechos de Bach, de modo convincente que lhes grangeou fartos aplausos.

HUGO BALZO

A benemérita Sociedade de Cultura Artistica, em seu 475.º Saráu, apresentou pela primeira vez em S. Paulo, o consagrado pianista uruguáio Hugo Balzo.

Hugo Balzo organizou para a sua apresentação um esplendido programa com a execução do qual demonstrou possuir bem alicerçada cultura musical e pianistica sue o coloca no mesmo nivel dos grandes artistas de renome internacional.

O seu Bach, denotou exatíssimo jogo rítmico e temático, mas, esteve destituido de côr, porém o seu Beethoven esteve excelentemente nuançado, arrebatando por vezes pela veemencia e suavidade de sua execução. A "Appassionata", teve, portanto, em Hugo Balzo, um intérprete consciencioso que traduziu com evidente espirito de musicalidade a colossal óbra do mestre de Bon.

Onde brilhou o pianista, verdadeiramente, foi nas 2.ª e 3.ª partes do programa, quando executou Debussy, Ravel, Poulenc, Chabrier, C. Guarnieri, Fabini, e Ginastera. Tirou efeitos pianisticos resplandecentes, cintilantes, mesmo, que sobreexcederam pela claridade sonóra que modificava-se blandisona, abemolada, discorrendo com es-

pecialíssima sonoridade a bordadura musical. Não podemos deixar de destacar entre outras a execução das 3 Danças Argentinas de Ginastera e Triste, de Fabini. Principalmente esta ultima. Como extras executou Polichinelo, de Villa-Lobos, Fantasia Impromptu, de Chopin e XII Rapsódia, de Liszt.

O público dedicou merecidos aplausos ao distinto artista.

YEUDI MENUHIN

Realizou-se em 30 de Junho, no Teatro Municipal, encerrando brilhantemente o primeiro semestre musical paulistano deste ano, um concerto do famoso violinista Yeudi Menuhin, promovido pela Sociedade de Cultura Artística e dedicado aos seus sócios.

O teatro esteve lotado, por um público entusiásta e culto que não poupou aplausos às execuções verdadeiramente extraordinárias do eminente artista.

Yeudi Menuhin firmou suas magistrais qualidades de virtuose e intérprete ao executar a Sonata em lá M., de Franck e a Partita n.º 3, em mi M., de Bach. Manteve uma execução elevada e um critério artístico profundo.

O pianista Heudrik Eudt, não satisfaz plenamente. Sua execução é um tanto dura e excede nos fortes.

CONCERTO SINFÔNICO — SOLISTA: MIRELLA VITA

No concerto sinfônico sob a regencia do abalizado compositor e regente paulista Camargo Guarnieri, promovido pelo Departamento Municipal de Cultura, realizado em 20 de Junho, no Teatro Municipal, atuou como solista a consagrada harpista Mirella Vita, que executou com maestria o Concerto de Haendel. Possuidora de uma técnica admiravelmente aperfeiçoada, dentro da qual a sonoridade aveludada e ampla contribúi para frutuoso rendimento virtuosístico, Mirella Vita demonstrou ser uma artista completa em seu instrumento. Seu rítmo seguro deu a orquestra uma missão suave e independente que permitiu uma execução magnifica.

O maestro Camargo Guarnieri atuou com exatidão e brilhantismo.

ARTE GRAFICA E ARTE CONTEMPORANEA DO HEMISFÉRIO OCIDENTAL

Depois do grandioso sucésso alcançado entre nós pela exposição de Arte Francesa, a exposição de Arte Gráfica e de Arte Contemporanea do Hemisfério Ocidental, que acaba de ser encerrada na Galeria Prestes Maia, representa sem duvida o acontecimento artistico de maior repercussão.

Pelo que nos consta, é esta a primeira vez que um conjunto de trabalhos de artistas panamericanos é levado às capitais do Sul, no intuito enaltecedor de estimular uma compreensão mais estreita entre as nações deste Hemisfério, por intermedio da arte, cuja linguagem universal revela a íntima natureza dos povos, define sua historia e suas tradições, fala dos seus anseios e das suas esperanças.

Do ponto de vista INTERCAMBIO e do ponto de vista INCENTIVO ÀS ARTES, portanto, esta iniciativa do Snr. J. Watson, presidente da INTERNACIONAL BUSINESS MACHINE CORPORATION, representa qualquer coisa de absolutamente inédito, que honra o reconhecimento dinamismo tão peculiar ao americano do Norte. A publicação de dois catalogos, dos mais luxuosos e completos, com inúmeras reproduções e ótima bibliografia, demonstra a minuciosa organização deste conjunto de propriedade da MACHINE CORPORATION, que já foi exposto com sucésso na Feira de Nova York, na Exposição Internacional de S. Francisco e na Exposição Nacional Canadense.

A secção dedicada às Artes Gráficas (que foi oportunamente dividida em "Gravuras das Republicas da America Latina" "Gravuras Contemporaneas das Provincias do Canadá" e "Arte da Gravação nos Estados Unidos atravez de tres seculos") é sem duvida possivel a parte que maior interesse desperta, apresentando o resultado de uma brilhante pesquiza historica de grande valor documental, pelo que se refere á gravura norte-americana, enquanto dos outros países há alguns trabalhos de Artistas contemporaneos, ótimamente escolhidos, que confirmam com segurança o alto gráu de evolução atingido. — Aliás, no prefacio do catálogo, o Snr. Watson escreve:

> "Nós, nos Estados Unidos, sentimos um justificado orgulho continental quando contemplamos a arte magnifica dos nossos vizinhos do sul. Vemos cada dia maiores provas da influência da arte contemporaneo da America Central e do Sul em nossos pintores, escultores e de enhistas comerciais e da moda feminina".

Não sabemos se, nisso tudo, ha um excésso de amabilidade por parte do Sr. Watson, pois desconhecemos o gráu desta "influência", porém, pelo que nos foi dado ver na secção de pintura, parece realmente que os americanos do Centro e do Sul possuem

uma sensibilidade mais emotiva e uma técnica mais livre.

Desejamos salientar que esta opinião tem valor apenas com relação às obras apresentadas. E sería de todo inconveniente firmar um juizo generalizado sobre a unica base desta exposição, que nos apresenta *um* artista de cada Estado Norte-americano, mas não necessariamente o melhor artista ou a melhor obra de cada Estado. — Qualquer conceito por nós expresso, portanto, atinge apenas a obra e não o Estado representado.

De modo geral é curioso notar como os pintores que completaram seus estudos na Europa assimilaram, voluntaria ou involuntariamente, a técnica e o espirito do impressionismo francez. Há telas, nesta exposição, que fazem lembrar Gauguin e Van Gogh na exaltação do amarelo; Seurat na técnica pontilhista; Renoir nos contornos não definidos das figuras; H. Rousseau na sua típica tonalidade cinzenta e Ingres na austera serenidade dos nús femininos.

A nosso ver, a tela mais notavel assinada por artista norte-americano, é LUZ CINZENTA de Marion Souchson, de Luisiana. Embora não deixe de lembrar Gauguin pelo colorido e Rousseau pela ingenuidade sincera das figuras, a obra deste admiravel autodidata, que ha apenas seis anos se dedica à pintura, revela uma personalidade das mais vigorosas e um senso agudo da côr. Esta tela se destaca com grande audacia do conjunto, como uma mensagem nova ao Novo Mundo, como um brado de revolta contra o neo-classicismo e contra as fórmulas do "bem feitinho".

Um espirito diferente, que antepõe a expressão do movimento à pesquiza puramente coloristica, anima a tela BAILE DO SABADO À NOITE de Tom James Moore, Montana. J. Frederichs Richardson (Tennessee) realiza sua "colina do Capitolio" com notavel vigor, enquanto Reubem Tam, descendente de chineses, autodidata, representa Hawaí com uma "cratéra do Roka" que seria tecnicamente perfeito, não fosse certa confusão nos planos.

Recanto artístico da séde de Resenha Musical

Entre as obras dos outros Países se destaca a "Diana" de Federico Cantú, uma nova expressão do Mexico, daquele Mexico que hoje figura entre os centros mais evoluidos da pintura moderna.

— O Brasil é representado por cinco telas de artistas de nomeada, trabalhos já conhecidos que representam neste conjunto algumas tendencias do nosso movimento artístico. Porém, embora o catalogo reconheça que em S. Paulo encontram-se os artistas que buscam novos temas, esforçando-se por interpretar novos pontos de vista, nenhum paulista é representado. Aliás o conjunto, a não ser raras excepções, obedece a uma orientação conservadora.

Afinal, o peor foi que a exposição ficou aberta apenas quatro dias, não havendo o tempo material para que se pudesse fazer um estudo comparativo dos valores, justificando melhor ou modificando de vez algumas primeiras impressões provavelmente erradas, que aqui registramos.

GEORGINA DE ALBUQUERQUE

Entre os lugares comuns que dificultam uma visão serena do panorama artistico, domina a crença por demais generalizada que duas gerações de artistas se defrontem, atualmente, separadas por um sulco mais ou menos profundo.

E nada ha de mais errado.

Porque a Arte, longe de ser apenas uma questão de idade, é, muito ao contrário, uma questão de sensibilidade. Enquanto ha sensibilidades que despertam cedo demais, outras atingem seu cume além da maturidade. E não raro encontram-se moços que, contando o mesmo número de anos, pintam uns dentro do mais rígido academismo e outros emulando o mais arrojado modernismo.

O contraste, se este contraste existe, separa duas sensibilidades e não duas idades, portanto. Os moços podem preferir a chamada "arte moderna", porém os expoentes maximos desta arte quasi nunca são "moços" a não ser no espírito...

Mas entre "modernismo" e "academismo" há sempre um logarzinho pela ARTE não filiada a "escolas" ou "tendencias", a arte que não precisa de literatura explicativa, por ser a expressão espontanea de um sentimento profundo e de uma emoção livre e sincera. É esta, a nosso ver, a forma mais completa e mais nobre de ARTE.

É a arte de Georgina de Albuquerque. Não conhecemos a pintora, pessoalmente. Desconhecemos suas idéias sobre os tão falados problemas artisticos, porém, visitando sua exposição na CASA E JARDIM, chegamos à conclusão que nenhum problema póde afligir uma artista que pinta "Pescadores" e "colheita da uva". Dois ambientes opostos: a vida do mar e a vida da fazenda, duas soluções pitoricas diferentes, mas igualmente felizes.

Nesta rapida nota não tencionamos "descobrir" uma pintora cuja notoriedade é das maiores e das mais merecidas, mas desejamos apenas salientar o que esta exposição representa para todos nós: uma admiravel lição de sinceridade e um forte estímulo na luta pela ARTE, a arte que ainda sabe atingir suas emoções no reino encantado da mais pura poesia.

H. Cunha Melo - (Escultura)

Mãos de Rachmaninoff - (mármore de Helen Liadloff).

A divulgação da cultura e ensino musicais por meio de aparelhos mecanicos

PROF. SAMUEL ARCHANJO SANTOS

Entre as interessantes invenções que nos legou o engenho humano reponta, sem dúvida alguma, a dos instrumentos mecânicos para audições musicais. O incremento que vem tomando as audições musicais de aparelhos dessa natureza é notavel, quer em transmissões radiofônicas, quer pelo cinema sincronizado, quer mesmo em ambientes familiares, onde vemos atuar o sistema mecânico na divulgação da música, tanto solística ou de conjunto, como popular ou erudita. Pode-se considerar radicada nos meios sociais essa usança. E o aperfeiçoamento constante das condições acústicas desses aparelhos torna-os cada vez mais utilizaveis. Na Capital paulista vão felizmente medrando, com crescente afluência do povo, as audições proporcionadas pela Discotéca do Departamento de Cultura da Municipalidade. Pena é que, tanto as cabinas como o número de audições coletivas sejam escassos.

As tentativas de reproduções e consequentes transmissões da música por meios mecânicos, que atualmente culmina com o aparecimento do fonógrafo, vem de ha muito prendendo a atenção humana. Ha uma bôa quantidade de aparelhos musicais dessa natureza. Citaremos, por exemplo, o "Orquestrion", na combinação de órgão e piano (1791) e na imitação da orquestra (1851); os impagaveis "realejos" acionados por manivela; os "Carilhões", considerados como de provavel primitividade dentre os instrumentos mecânicos automáticos; a série enorme de pianos mecânicos, acionados por manivela ou pedal: "Orfeus, Pianóla, Phonóla, Pleyéla, Mignon, Phonalistz, Duca, Aelian, e muitos outros; e particularmente as "Caixinhas de música" — de formas as mais variadas — que eram os presentes dos tempos idos, reproduzindo de maneira tão delicada as peças mais em voga. E essas criações da humanidade chegaram a empolgar sobremaneira os artistas de seu tempo; sabemos que I. Strawinski serviu-se do piano mecânico para registrar suas composições célebres como "Petrouchka", "Le Sacrè du Printemps" e outras mais. Quem não conhece a interessante "Caixinha de música" de Liadoff? Debussy tambem nos deixou "La boite a joux-joux", bailado provavelmente inspirado nas galantes "Caixinhas de música". E quantos artistas não se inspiraram imitando as plácidas execuções desse instrumento mecânico.

Porém, o aparelho mecânico que mais utilidade nos trouxe para difundir a cultura e o ensino musicais foi a célebre invenção de Tomás Alva Édion, o "Fonógrafo". Grava e reproduz os sons com assombrósa perfeição. Diz U. Riemann, com muito acerto, que o Fonógrafo está para a música assim como a Fotografia está para as artes plásticas.

O "Fonógrafo", hoje muito conhecido por Vitrósa, é uma invenção bem moderna. Vem da metade do século passado. Remontam ao ano 1857 as primeiras experiências científicas, devidas ao tipógrafo Leon Scott Martinville, que teve a idéia de registrar graficamente as ondas sonóras sôbre um cilíndro coberto de carvão; e a seu aparelho deu o nome de "Fonautógrafo" ou "Paleofône". Vinte anos depois, em 1877, o poéta francês, Charles Cros, apresentou-se na Academia de Ciências des-

crevendo um aparelho com o qual se propunha a reproduzir as vibrações acústicas. Coube porém ao americano Tomás Alva Édison o mérito de se aprofundar em pesquizas levando a um êxito final esse famoso instrumento que representando graficamente os sons os reproduz com fidelidade de timbre. E na véspera de Natal do ano de 1877 dirigia Édison ao "Patent Office" de Washington o pedido de patente desse instrumento, patente essa que lhe foi concedida dois meses após. Em 1888 foi o cilíndro substituido pelo disco horizontal, tal como vemos em nossos dias. Isso graças a um engenheiro alemão que residia nos Estados Unidos. E. Berliner denominou "Gramofône" ao seu aparelho. Todas as posteriores invenções (em que colaboraram grandes valores da ciência) tenderam ao aperfeiçoamento do maquinismo, gravações de discos, ampliação e pureza sonóras a que têm chegado os atuais instrumentos. Assim é então que as diversas denominações Fonautógrafo, Paleofône, Fonógrafo, Gramofône, e, Grafonóla, Eletróla ou Vitróla (marcando as etapas percorridas na criação e consequente aperfeiçoamento desse útil aparelho) indicam a maravilhosa máquina falante de Édison.

Além da citada adesão de artistas de fino quilate e fértil imaginação como Strawinski e Debussy, e recentemente, Respighi, aquele que coloca em plena orquestra uma Vitróla, trazemos a opinião de pedagogos e musicógrafos de reconhecido conceito mundial como Riemann, Della Corte e A. Gatti, favoraveis todos ao uso dessa maravilha do século XIX, utilizavel vantajosamente à difusão, cultura e ensino musicais em todos os seus ramos.

U. Riemann, com a sua incontestavel erudição de Doutor em música nos diz: "Quaisquer que sejam os defeitos que lhe possam atribuir, o Fonógrafo tornou-se um precioso meio de cultura: põe à disposição de todos as óbras cuja interpretação adequada é dificil ou mesmo impossivel. Êle figura principalmente como utilíssimo instrumento da etnografia musical e tem exercido mesmo uma particular influência sobre a música contemporânea (música do extremo Oriente, da Arábia, da Ungría, da América, etc.). Existem atualmente vários arquivos fonográficos: Museus fonéticos da Sociedade de antropologia (1900) e Museus da Palavra (1911) em Paris; o Phonogrammarchiv (1920) o do Instituto de Psycologia (1904) e o Lantarchiv (1920) de Berlim; e o Arquivo da Academia de Ciências de Viena (1899); além de diversos arquivos de diferentes institutos ou museus etnográficos. Entre nós existe o Museu da Palavra, iniciado pelo Departamento de Cultura da Municipalidade. E tambem o Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, iniciou em 1933 a sua Discotéca, ofertada em parte pelos seus abnegados professores, departamento esse que tomou como patrono "Alexandre Levy". Continuando daremos o depoimento de Della Corte e A. Gatti que assim dizem: "A larga, em certos paises como a Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos e outros, larguíssima difusão do uso do "Gramofône" — que em algumas famílias já tomou com o Rádio (Rádio-vitróla) o lugar destinado ao piano e outros instrumentos mecânicos — tem permitido às indústrias produtoras desses aparelhos reproduzirem além das peças de sabor popular (dansas e cantos em voga) verdadeiras óbras de arte, constituindo pouco a pouco uma Discotéca de óbras do passado e do presente. Algumas casas como a "Columbia" e outras mais, não se esqueceram de generalizar o ensino artístico, reunindo em séries de discos, que seguem a ordem cronológica, seleções de diversas épocas e vários paizes. Anexos a essas coletâneas de discos, vem os resumos da História da Música, aos quais o estudioso poderá recorrer para ilustração musical, assim objetivando com a audição do disco o assunto em apreço. Principalmente nos paises onde se fala a língua inglesa, o Gramofône é considerado como o mais eficás recurso de cultura. E, na própria Alemanha, o ensino se vale copiósamente do disco. A Casa

Lindstron tem uma "sessão cultural" muito bem organizada que se ocupa de tais questões. Grande importância vem tomando o disco de Gramofône para o estudo da fonética e da linguística e já se constata a existência dele em vários paises e escolas de ensino linguístico que agem exclusivamente com auxílio do Gramofône. Outro tanto diga-se do estudo do "Folclóre musical" para o qual existem Discotécas em que já se recolheram milhares de discos que conservam e divulgam os cantos populares recolhidos diretamente da voz do povo".

Entre nós já se procura lançar mão desse recurso moderno para fins pedagógicos. Por exemplo: o popular "Compêndio de História da Música" do Prof. Mario de Andrade, em sua última edição, indica no final de cada Capítulo uma série de peças que já se acham gravadas em discos, podendo portanto ser utilizados com o fim de objetivar o estudo da história e estética musicais. Foram valiósas as aulas professadas em sua Cátedra no Conservatório. Lembro-me que iniciou umas aulas para os alunos de sua classe, aulas essas, que, pela pobreza da Discotéca conservatoriana, foram dadas na Discotéca do Departamento da Municipalidade. O Maestro F. Franceschini, esse modelo da verdadeira ética profissional, tambem usa o disco em suas maravilhosas lições de análise musical que está dando no Curso de extensão cultural (que bem poderia ser de extensão universitária) devidas ainda estas tambem ao Departamento de Cultura, lições tão eficázes na formação da geração nova. E sabemos de outros mestres que tambem seguem o exemplo desses dois mestres da vanguarda cultural.

O disco transportou à América do Norte e levará a qualquer recanto do mundo a música de Carlos Gomes e VilaL-obos e de todos os grandes compositores, assim como os cantos que se recolherem do nosso povo.

O amavel leitor, que teve a paciência de seguir a minha dissertação, terá observado o valor incontestavel da invenção de Édison para auxiliar a cultura e divulgação do modo de bem interpretar-se a música de um dado país.

Edições I. M . L.-São Paulo

COMENTARIOS

SILVEIRA PEIXOTO

Aqui em São Paulo, parece, não é mais possivel realizar-se um concerto, que não tenha a perturba-lo a barulhada insolita dos retardatarios. Isso, que deveria ser uma exceção, já se fez habito, já ganhou fóros de regra geral.

Ora, é evidente que o fato de um cidadão — e no caso são muitos os cidadãos, e, principalmente, as cidadãs assim — chegar atrazado a um recital, como a qualquer espetaculo, não representa apenas uma descortezia para com o artista que se exibe, como para os que foram pontuais; é coisa que perturba, seriamente, o desenvolvimento da audição, e que, por isso mesmo, exige corretivo.

Em ato de nossa Prefeitura, está consubstanciada a unica providencia a tomar: impedir o ingresso na sala de exibições, enquanto se dá andamento ao programa. Mas a postura não está sendo observada, em especial no que se refere aos concertos. Parece que em virtude de uma interpretação arbitraria, é dado livre acesso aos "atrazados", assim que o artista acaba de interpretar uma peça, e, até, quando se concluiu um tempo de uma sonata, por exemplo.

O que se vê, então, é aquele corre-corre na penumbra, é aquele remexer de poltronas... E todos os demais — o artista e o auditório — são obrigados a esperar que os impontuais se acomodem, leiam o progra-

ma, perguntem ao vizinho da direita em que ponto está a noitada, tussam, se assoem, e, afinal, silenciem. São minutos de espera irritante, que bole com os nervos dos que fizeram questão de chegar á hora exata, e que, está claro, tambem deve perturbar o recitalista.

Não pode haver duvidas de que o caso está a exigir uma providência enérgica. É necessario, urgentemente, fazer que seja respeitado, e respeitado com todo rigor, o ato municipal que prevê a hipotece, e dá-lhe a solução adequada: impedir a entrada aos retardatarios, só permitir o seu ingresso no proximo intervalo.

*
* *

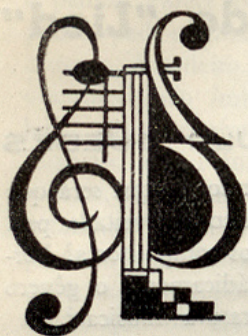
Todos sabemos que é dos mais importantes o papel desempenhado hoje pela propaganda, em relação a qualquer empreendimento. Justamente por que já compreenderam isso mesmo, industriais e comerciantes vivem a apregoar pelos microfones das estações de radio, pelas colunas dos jornais, pelos cartazes mais ou menos bem feitos, os produtos que visam colocar no mercado: uma pasta de dentes que é infalivel para evitar a carie, um comprimido que liquida um resfriado num "zaz-traz", um calicida que seria capaz de resolver o problema das solteironas janeleiras.

A mesma razão leva os governos a dispensar especiais cuidados á publicidade. Veja-se como, atualmente, os paí-es em luta fazem da propaganda uma de suas melhores armas de guerra. Observe-se como dela se valem para criar ou desenvolver correntes de turismo. Repare-se o partido que daí se tira afim de criar opinião sobre isto ou aquilo, a favor ou contra uma idéia.

O caso dos concertistas é idêntico. Precisam eles despertar a atenção do público para seus recitais. Devem mobilisar todos os elementos assecuratorios do proprio exito, e não podem deixar de preparar o animo dos que vão ouví-los. Enfim, têm necessidade da propaganda. É indispensavel, porem, que aí se obedeça a uma ética. Mais do que em qualquer outra circunstancia, a publicidade, aí, tem de merecer cuidados e atenções especiais, tem de observar a certos e determinados principios.

Acontece, no entanto, que, em vez de usar da propaganda, os empresarios não hesitam em dela abusar. Sua primeira preocupação é enaltecer, mas enaltecer de qualquer maneira, e sempre exageradamente, as qualidades de seus pupilos. Tratam, logo, de dar-lhes um titulo qualquer: o "Joe Luis do teclado", ou "o prestidigitador do teclado",

Acabem-se com esses exageros que, alem do mais, já andam fóra de moda, já se acham desmoralisados, de tão repetidos. Procurem os empresarios fazer uma propaganda inteligente. Recorram, se é preciso, a técnicos no assunto, pois que a publicidade bem feita só beneficía, enquanto que assim, mal feita, só irrita, só desprestigia. ou "o rouxinal do seculo", ou "o milagre de nossos tempos", ou "a poetiza da voz".

Outra orientação errada é a que procura estabelecer paralelos: "a Guiomar Novaes da nova geração", "Paganini redivivo", "emulo de Kreisler", "Liszt que renasceu", "Toscanini em edição mais nova". Ora, cada artista vale pelo que é, pelos predicados que compõem e caracterizam sua organização, pelo seu temperamento, pela sua personalidade. Póde haver pontos de contacto entre um e outro, mas cada verdadeiro artista sempre tem a sua marca pessoal. Comparar, aí, é diminuir, é quasi afirmar que se trata de um decalque.

EDIÇÕES MUSICAIS

Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

CHANSON POUR TON SOMMEIL e HISTORIETA — Paurillo Barroso (p.canto e piano) — Ed. Impressora Moderna Limitada — São Paulo.

Paurillo Barroso, o festejado autor de "Canção para ninar" que Bidú Sayão interpreta com admiravel justeza em excelente gravação, acaba de publicar por intermédio da Impressora Moderna Limitada, à rua Alvaro de Carvalho, 97, nesta Capital, duas finas canções: **Chanson pour ton sommeil** e **Historieta.** Ambas com letras de Dulcinéa Paraense.

Chanson pour ton sommeil, é uma delicada "berceuse" que poderá pelo seu encanto e finúra, vir a ser óbra comum, dentro de pouco tempo, no repertório dos melhores cantores de música de câmara. Não é uma canção francesa, como fará supôr o seu nome, porém, o autor intencionalmente deu-lhe o que de sutil ha em seu estilo.

Historieta, como pastoral e dedicada a célebre cantora patrícia Bidú Sayão. E' o mesmo compositor fino que conhecemos. A **Historieta,** é uma das suas canções onde a largueza da linha melódica dá à fatúra musical uma coerência perfeita. A simplicidade musical desta composição fê-la encantadora e de admiravel singeleza.

FALAÇÃO DE ANHANGA-PITÃ — Luiz Cosme — Edição "Música Viva" — Rio de Janeiro.

A Edição "Música Viva", do Rio, dá a conhecer ao nosso público um trecho do bailado "Salamanca do Jaraú", de Luiz Cosme, publicando "Falação de Anhangá-Pitã", para violoncelo e piano. Dedicado a Iberê Gomes Grosso, esta óbra chama logo a nossa atenção para a sua movimentação característica que o autor denomina "raivoso" e que o piano tem que vencer com impetuosa raiva, inúmeras dificuldades rítmicas que formam a malabarística estrutura da óbra. E' das poucas óbras para violoncelo, escritas com caráter nacional, portanto, pela sua excelência musical não deixará de ser divulgada satisfatoriamente. A "Música Viva" vem propagando valiosas óbras dedicadas aos mais variados instrumentos e, por essa razão, convidamos os nossos artistas a conhecerem as óbras que formam a sua coleção até o presente momento.

RABICHO — DODÓE — QUEM SERA'... — 3 Toadas de Marcelo Tupinambá (p.canto e piano) — Edição I. M. L. — São Paulo.

Três toadas do nosso querido compositor Marcelo Tupinambá divulgadas agora pela I. M. L., desta Capital, em bonita apresentação tipográfica. Marcelo Tupinambá é dos mais conhecidos compositores brasileiros. Dono de um estilo seu "in-totum", ele alcançou uma popularidade enaltecedora. Suas óbras são cantadas sempre com agrado e são uma contribuição diréta, valiosa para a formação musical pátria.

Dois nomes para a Historia do "Lied" Artistico Brasileiro

DR. PAULO GUEDES

Eu penso não haver nada de extranho — muito ao contrario — que, fazendo minha estréia em um periódico musical paulistano, aproveite para falar de dois paulistas a quem o Brasil muito admira. E para não estender por demais este artigo, comecemos: o primeiro deles é Mario de Andrade.

Quando se fala de Mario de Andrade é preciso primeiro explicar. Eu não vou falar em "todo" o Mario de Andrade, no Mario escritor, no Mario poeta, no Mario... Não! Vou só falar num pedaço dele. Só quero me ocupar aquí daquele Mario de Andrade que, num momento feliz, deu um mergulho no século passado e de lá voltou trazendo para todos os brasileiros um punhado de modinhas deliciosas com que tapou a boca de muitos que não queriam acreditar em música brasileira. Mostrou que havia. E da boa. Da boníssima mesmo. E não foi só mostrar. Falou sobre elas. Esclareceu seu histórico, chamou a atenção para certos detalhes, sugeriu conclusões artísticas, jurou que aquilo era de fato material capaz de se transformar em grande arte. Muitos riram. Ele jurou outra vez...

E o Brasil todo ficou extasiado vendo tanta cousa que ele quasi nem supunha. E nasceu no brasileiro um orgulho enorme de possuir tanta riqueza...

Eu tambem confesso que fiquei comovidíssimo a primeira vez que lí esta coleção de modinhas imperiais. Fiquei mesmo tão comovido, foi tanta a impressão que causaram em mim que muitas delas, sem querer, até hoje eu guardo de cór. E misticamente eu agradecí a Deus o ter feito que Mario de Andrade fosse brasileiro. Quanta cousa nós teríamos perdido si não fosse ele? Respondam por mim os músicos brasileiros, cônscios de sua função.

Mas, eu fiquei pensando, porque será que isto não tem sido de fato aproveitado pela grande maioria de nossos compositores? Porque será que só esporádicamente o gênero aparece na nossa literatura musical?

E algum tempo fiquei pensando assim... Mas, felizmente no Brasil já se trabalha, enquanto eu pensava, sem dar solução nenhuma ao caso, aí mesmo, em São Paulo, alguem se encarregava desta tarefa. E este alguem há uns meses visitou, a convite de nossa Prefeitura, o nosso Estado para reger uma série de concertos sinfônicos. O nome dele todos conhecem: é Mozart Camargo Guarnieri.

A visita que Camargo Guarnieri nos fez já o disse mais de uma vez, assumiu para os músicos do Rio Grande do Sul o aspeto de uma revelação. Não quer dizer que antes disso ele fosse desconhecido aquí. Não. Mas era incompletamente conhecido. Nós sabíamos da existência de muitas peças publicadas. Mas nós ignorávamos o concerto de violino, a sonata para violoncelo, a admiravel terceira sonatina para piano, as toadas para orquestra, a coleção de "ponteios" para piano e as sublimes "treze canções de amor".

Isto tudo foi conhecido em poucos dias! Calcule-se a estupefação de Aladino transportado, de um momento para outro, para a frente de um tesouro fabuloso e ter-se-á idéia da nossa ante a riqueza muito mais rica que a do Aladino lendário. Mas eu não posso falar aquí de toda esta obra fabulosa. (Aliás não sou eu o indicado para juiz de Camargo Guarnieri). Não! Eu vou fazer como fiz com o Mario de Andrade. Vou espicaçá-lo e falar só de uma partícula de seu imenso talento. Vou desprezar todo o resto de sua obra para me deter só nas "treze canções de amor".

Formam, o nome está dizendo, uma de-

liciosa coleção de treze peças para canto e piano. Parece pouco. Mas com este pouco, pode-se dizer, está creado o "Lied" artístico brasileiro. E, note-se, Camargo Guarnieri não imitou as modinhas populares, não se conformou com processos pré-estabelecidos. Não. Ele transportou para a Arte, o espírito, a alma das modinhas anônimas. Com o material existente ele plasmou verdadeira obra de arte. Evitando o exótico, repudiando o banal, aproveitou o que de mais humano existia nesta manifestação popular: a "sentimentalidade" de uma raça. E a tal ponto este espírito é constante em sua obra que, podemos dizer, a modinha é a alma da arte de Camargo Guarnieri.

São Paulo, feliz este que conta entre seus filhos um Mario de Andrade, este grande responsavel pela música brasileira, e um Camargo Guarnieri creador de nosso "Lied" artístico!

Mas o que eu quero neste artigo não é fazer um elogio de São Paulo ou de seus filhos ilustres. O que eu quero é me dirigir a todos os brasileiros que sonham para o Brasil com uma arte, uma grande arte brasileira, a todos os estudantes de música, a todos os futuros compositores e a todos os cantores que não conhecem ainda a obra de Camargo Guarnieri, que nunca ouviram suas "treze canções de amor" para dizer quão precioso será para todos o contáto com obra tão fecunda.

Eu queria que em todos os que me lêem nascesse um desejo ardente de conhecer as modinhas de Camargo Guarnieri.

Procurai ouvir essas deliciosas obras-primas. Escutai com atenção. Reparai na variedade rítmica, segredo de seu encanto, na simplicidade de sua linha melódica, na riqueza dos baixos — reflexo da musicalidade instintiva do tocador de violão com seus "floreios", "passagens", etc. Atentai no saudosismo que se desprende destas melodias, nesta impressão de "haver notas demais" — espelho da pernosticidade do mulato no exibicionismo de uma virtuosidade oca. Fechai os olhos e tereis a impressão de já conhecer todas estas melodias. É que elas já viviam perfeitamente bem articuladas no ar que respiramos, na vida sue vivemos, dormia em nossos corações, esperando alguem capaz de as cantar. E este alguem vive agora. E este alguem é Mozart Camargo Guarnieri.

Por isso, agora, ninguem, de boa fé, poderá rir quando Mario de Andrade afirmar as possibilidades que existem na música popular brasileira, ninguem mais terá o direito de duvidar das profecias dele. Agora ele tem já muitas, muitíssimas provas. E uma delas são as "treze canções de amor", de Camargo Guarnieri.

MICROFONE

GENÉSIO PEREIRA FILHO

NOSSOS AUTORES

I

Prometi aos leitores de "Resenha Musical" um comentário sôbre as letras de nossa música popular; é o que tento fazer agóra, com este trabalho.

Meu fito principal é demonstrar a pobreza de inspiração dos nossos autores populares. As músicas brasileiras são quasi sempre bonitas, melódicas, mas possuidoras de letras paupérrimas, muitas vezes — dir-se-á "muitíssimas vezes" — indecentes.

A "Pastoral Coletiva do Episcopado da Província Eclesiástica de São Paulo sobre a defesa da fé, da moral e da família", assim pontifica às páginas 7 e 8: "Têm os povos, nas suas canções populares, a melhor expressão de sua alma, porquanto nelas guardam fatos da sua história, cênas da sua natureza, inspiração dos seus vates, melodias dos seus artistas, em estrófes pelas quais algo perpassa que sobrevive aos próprios autores. Por isto mesmo representam os cancioneiros uma relíquia nacional.

Ultimamente, contudo, abastardou-se entre nós de tal forma o espírito, a letra e a melodia dessas canções, principalmente as que se cantam nos folguedos carnavalescos, que deveriamos corar de pejo se elas de fáto exprimissem o que nos vai na alma. Custa mesmo a crer que obtenham elas o assentimento oficial para serem divulgadas, tanto é intonso o vernáculo, tão grosseiro o tema, tão baixo o ideal de existência que apresentam, tão vulgares os sentimentos e tão obcenos os têrmos, que miseravelmente corrompem a mentalidade do nosso povo. Que poderia o país esperar de seus filhos que cantam a indolência, a sensualidade, a despreocupação das cousas sérias e elevadas? Estaria antecipadamente votado à derrota.

Bispos e brasileiros, erguemos nossa voz contra toda essa ignóbil literatura a que infelizmente, nas rádio-emissoras, se dá largo tempo e ilimitada divulgação. Fora mister baní-la de vez.

Quem lê as cartas pastorais dos Bispos franceses, publicadas no período de 1920 a 1938, assombra-se da coragem com que esses homens de Deus denunciavam os vícios que minavam o corpo social da desventurada França. Nos seus lábios e na sua pena perpassava o espírito dos profétas, antevendo as ruínas atuais de sua desditosa pátria. Não foram ouvidos. Muitos averbaram de carrancismo, outros de pessimismo aquelas solenes advertências. Foi preciso que uma desgraça imensa envolvesse a gloriosa terra de Santa Joana d'Arc, para que (demasiado tarde!) os olhos de todos se abrissem à realidade. Nesta hora melancólica e sombría, fugiram os que então carregavam a responsabilidade da nação! Nas trincheiras do civismo, do otimismo e da coragem ficaram, porém, aqueles intrépidos pastores, não para lançarem anátemas, antes para ajudarem a reconstruir a infeliz patria que fechara os ouvidos, quando era ainda tempo de se remediar o mal.

Confrange-se-nos o coração ao pensar que seria necessário ao Brasil tamanha desventura para que êle retrocedesse, emendasse o passo e orientasse a educação do seu povo por outros caminhos. É que nem sempre o argumento racional vence a corrupção

dos costumes! Só o gume da espada que fére a carne logra despertá-la da lascívia; só a dôr consegue sensibilizá-la de novo; só a desgraça opera milagres na súbita mutação de mentalidades.

Não precise — assim praza a Deus — não precise o Brasil de tamanho infortúnio para corrigir-se dos seus graves defeitos!".

Essas palavras — não é mister dizer — são sábias e merecem muita meditação. Meditem sobre elas os que empregam seu talento na produção de letras ignóbeis e execrandas. Meditem sobre elas e verão que é grave o seu procedimento e enorme a sua responsabilidade.

A França mereceu um sevéro castigo e na dôr ha de se purificar. Pagará os seus desmandos e bem tristemente. A dôr imensa que ora pesa sobre a alma francesa, ha de fazê-la resurgir casta e pujante, pletórica e mentora da cultura, como tem sido em várias épocas. Tivessem sido, porém, os seus homens mais previdentes; tivesse seu povo ouvido a voz dos que gritavam contra a desagregação moral da pátria de Chenier, e, talvez, não houvesse ela sofrida tão acabrunhante defecção.

Abramos, agóra, nós os olhos contra os atentados à moral. Evitemos, em tempo, que o nosso país venha a sofrer semelhante provação. Reájamos contra o estado atual das cousas, para que o alicerce da moral não seja abalançado. Moltke afirmou que é na paz que se ganha uma guerra. Haverá verdade maior? Em última hora um povo não poderá formar um exército de élite. Esse exército precisa de armas, precisa de ideal, precisa de forças morais. Sem isso será uma horda, a ser sacrificada no primeiro encontro. E as raizes dessas forças com que ele ha de lutar, têm de ser profundas no tempo, há de ser firmada no âmago do coração de toda a nação.

O brasileiro já é nostálgico por gênese; nossos autores geralmente não têm uma educação além da primária; evitemos que um terceiro mal, este já não desculpavel, venha coroar as músicas nossas. Façamo-las, pelo menos, decentes. E, para isso, não falta talento ao nosso autor. Possuimos letras que são verdadeiros poêmas. Podem muito bem ser declamadas em qualquer reunião literária. Eis um exemplo:

> Colar de pérolas
> no escrinio de tua boca,
> provocando a idéia louca
> de prová-las devagar!
> Em beijos quentes
> onde meus lábios frementes
> disfarçassem com a pericia
> a delicia de beijar!
>
> A vida inteira hei de guardar
> esse tesouro, sem igual,
> num cofre rubro,
> singular, original!
> E este cofre é tua boca
> que meus beijos fecharão,
> com o segredo
> dentro do meu coração!...

Esse trabalho chama-se "Colar de Pérolas" e é uma canção de Paulo Barbosa e Francisco Célio. Aliás, Paulo Barbosa está no número dos nossos autores que escrevem cousa bôa. (continúa)

———o———

— *"Programas das Irradiações"*, que se edita nesta capital, chamou a atenção do DEIP sobre os programas caipiras e de concessionários. Nada mais justo do que o comentário da nossa colega. Os programas caipiras vêm tornando-se verdadeiros abusos. Os seus artistas metem-se a falar o caipira, mas o o que realizam nada mais é do que verdadeiro atentado à gramática. Nem falam o linguajar caipira, nem o português e tão pouco a tal *lingua brasileira*, inventada por nacionalistas exaltados...

E os locutores dos programas de concessionários, recrutados muitas vezes ao sabôr de simpatias pessoais, só dão à gente uma vontade louca de virar o dial.

— Os artistas do rádio brasileiro, quando percorrem o interior, recebem, além da consagração popular, manifestações de simpatia dos mais destacados elementos da cidade visitada. Isso demonstra o apreço em que são tidos.

Vicente Celestino, no mês de maio último, visitou a cidade de Sertãozinho, no interior do nosso estado. O noticiário de sua visita ocupou a primeira página do jornal local. Ao seu recital no Clube Recreativo Sertanezinho compareceu o prefeito municipal, sr. Renato Augusto de Oliveira. E ao programa de músicas suas, realizada pela "Rádio Municipal de Publicidade", além do prefeito esteve presente o dr. Luiz Gonzaga de Souza Campos, juiz de direito da cidade.

Vicente Celestino deve ter saído muito satisfeito de Sertãozinho.

A VOZ DO BRASIL

— Causou surpreza e imensa mágua o gesto de Assis Valente, atirando-se do Corcovado, no Rio de Janeiro, numa tentativa de suicídio. Dois motivos são apontados como causas do seu gesto, que, para satisfação dos seus amigos e admiradores, não colimou o seu fim. Atirando-se, levou uma quéda de 50 metros, ficando preso em arbustos. O autor de "E o mundo não se acabou" e "Camisa Listada" recebeu apenas ferimentos, aliás não muito graves. Eis o final de um dos bilhetes que havia deixado: "... e assim termina a vida de quem quiz a vitoria — quem se mata morto fica. Peço não procurarem o meu corpo. Se tiverem interesse por mim que seja êle dedicado à minha esposa e filha. Good bye (que mania boba). (assin. Assis Valente)".

— José Fraguas Neto recebeu, em data de 25 de maio do corrente ano, elogiosas referências do "O Monitor", da cidade de Sertãozinho, pela sua atuação ao microfone da "Rádio Municipal de Publicidade", daquela cidade. Fraguas Neto é um garoto de cinco anos e é aluno do Jardim da Infância.

— Sagramor de Scuvero, da Rádio São Paulo, agóra tem uma página fixa de colaboração, em "Programa das Irradiações", que se edita nesta capital.

— A Rádio Cruzeiro do Sul, desta capital, festejou em 30 de maio último o seu nono aniversário, ingressando para o décimo ano de atividades. Conduzida por Juracy Barra, a Cruzeiro do Sul hoje é uma das mais populares emissoras paulistanas. Estas palavras são comprovadas pela grande assistência que diariamente frequenta o auditório da B-6. Secundam a Juracy Barra, no melhoramento cada vez maior da "estação do coração da cidade", Blóta Junior, Leporace e Totó.

— No dia 10 de junho, pela Mayrink Veiga do Rio de Janeiro, ouvi um programa de Ranchinho e Alvarenga. Fraquíssimo!

— "Microfone" visitou, nos princípios de junho, a Rádio Escola Recorde, que tem em Breno Rossi o seu diretor. Este e a professora d. Lidia Piro receberam gentilmente o redator desta secção, dispensando-lhe toda atenção. Ocupando apenas três

salas, essa escola já tem alcançado ótimos resultados no preparo de artistas para o rádio. Uma prova disso são os programas que apresenta ao microfone da PRB-9, com os seus alunos.

— "Hora da Saudade" é um programa lítero-musical apresentado semanalmente pela "Rádio Municipal de Publicidade", de Sertãozinho.

— Esteve em licença, indo descansar na cidade de Jaboticabal, o locutor Alceu Camargo Silveira, da Rádio Difusora São Paulo.

— A PRF-3 inaugurará ainda este ano a sua potente emissora de ondas curtas, de 25 kw. e com a frequência de 6.200 e 11.785 kcs. É uma das 14 maiores do mundo.

— Quarenta e duas, das 55 emissoras nacionais, já aderiram à Rêde Transbrasil, a funcionar após a inauguração da estação de ondas curtas da Difusora.

— Nicolau Tuma voltou às irradiações esportivas, pelo microfone da Cultura.

— São Paulo recebeu ultimamente como embaixadores da arte — e não políticos, função que Douglas Fairbanks Jr. realizou — numerosos artistas. Orquestra argentina "Los Azes", Tito Leardi, Vitória Artemisia, Jorge Miranda, Hernando Bernal, Fernando Borel, Elvira Rios (com sua voz bonita, quente e sensual), "La Marimba Cuzcatlan", etc., foram artistas e conjuntos que muito agradaram.

— No dia 14 de junho, pela Tupí de São Paulo, o programa de despedida da "Marimbas Cuzcatlan". Um estupendo programa confirmou não sómente os anteriores como revelou ser, de fato, esse conjunto merecedor de toda admiração e simpatía. Números musicais bem escolhidos. A parte a cargo de Jeanete, Teodorico Soares e Conjunto Tocantins em nada desmereceu o programa dos visitantes. Tambem tiveram ótimo desempenho.

— No mesmo dia, pela Cruzeiro do Sul, PRB-6, Fernando Borel. Um bom programa.

— Ainda no dia 14, pela Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro, Almirante com sua orquestra de gaitas. Interessante e ótimo programa. Almirante continúa a apresentar programas originais e que são de ótimo proveito para os rádio-ouvintes. Sem dúvida alguma, ele é um dos expoentes do nosso rádio, um daqueles que, realmente, merecem elogios e que correspondem à fama que possuem.

RECEBI E AGRADEÇO

— "Boletim para o Brasil", da BBC, de Londres, ns. 155, 156 e 160.

(Convites, consultas ou qualquer comunicação para esta secção, em nome do cronista, devem ser dirigidos a "RESENHA MUSICAL", Rua Conselheiro Crispiniano n.° 79 — 8.° andar).

Hans Joachim Koellreuter (à direita), em São Paulo

HANS-JOACHIM KOELLREUTER

A serviço de sua extensa atividade artística, esteve nesta Capital, o sr. prof. Hans-Joachim Koellreuter, m. d. fundador e diretor de "GRUPO MÚSICA VIVA", e docente 'do Conservatório Brasileiro de Música, do Rio de Janeiro.

Em sua rápida estadía nesta cidade, o ilustre artista e compositor teve oportunidade de visitar a Redação de RESENHA MUSICAL, o Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, e outros centros de atividade artística desta Capital.

PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

O sr. prof. Clovis de Oliveira, d.d. Diretor de RESENHA MUSICAL, representa nesta Capital e no Estado de São Paulo, a Associação dos Artistas Brasileiros e o Grupo MÚSICA VIVA, ambos do Rio de Janeiro.

SILVEIRA PEIXOTO

Assumiu a redação da secção "Comentários", desta publicação o nosso prezado companheiro de trabalho e brilhante jornalista Silveira Peixoto. Esta revista sente-se orgulhosa ao noticiar esta bôa nova aos seus leitores, porquanto Silveira Peixoto, é um intelectual de grande valôr, militando com destaque na imprensa do país.

VARIAS

MONUMENTO A FRANCISCO MANUEL

Vai ser construido no Rio de Janeiro, pelo Governo Federal, um monumento ao grande e saudoso compositor patrício Francisco Manuel da Silva, glorioso autor do Híno Nacional Brasileiro. Fazem parte da comissão que deverá constituir o júri incumbido de julgar a concorrência para a composição do projéto, os srs. profs. José Otávio Corrêa Lima (presidente), Wladimir Alves de Souza, Antonio de Sá Pereira e escultores Lélio Landucci e Alfredo Herculano.

GENÉSIO PEREIRA FILHO

Genésio Pereira Filho, estimado e brilhante cronista da magnífica secção "Microfone", desta revista, viajou para Jaboticabal, onde passará suas merecidas férias de inverno.

HOB A "RESENHA MUSICAL"

O grande pintor Hob, quando de sua visita ao nosso Diretor, ofereceu para a Galeria de "RESENHA MUSICAL", uma rica e belíssima téla intitulada: "Noite".

A Direção desta revista agradece sensibilizado o simpático gesto do renomado artista.

Dr. Eurico Nogueira França

E' nosso correspondente na Capital da República, atualmente, o ilustre crítico musical sr. dr. Eurico Nogueira França, residente a Rua Carvalho Monteiro, 44, para onde deverão ser enviados comunicados e convites.

Flagrante da visita do notavel pintor Hob (o de preto), a Redação de Resenha Musical.

NOVO DIRETOR DA DIVISÃO DE IMPRENSA DO D.E.I.P

Nomeado pelo novo Interventor Federal em São Paulo, sr. dr. Fernando Costa, tomou posse do cargo de Diretor de Imprensa e Rádio-Difusão do DEIP, no dia 9 de Junho, com a presença de representantes do Governo e da imprensa, o ilustre jornalista João Batista Souza Filho.

Ao áto, representando esta revista, compareceu o nosso digno Diretor, prof. Clovis de Oliveira.

NOVO DIRETOR DO D.E.I.P.

Assumiu o cargo de Diretor do DEIP, em substituição ao sr. dr. Cassiano Ricardo, que pediu demissão, o sr. dr. Cândido Mota Filho, ilustre professor de Direito e jornalista.

RESENHA MUSICAL que fez-se representar pelo seu Diretor, prof. Clovis de Oliveira, na pósse de s. s., consigna em suas páginas cumprimentos ao ilustre intelectual brasileiro.

IV.º CENTENARIO DA COMPANHIA DE JESUS

Realizou-se em S. Salvador, Baía, em 10 de Junho, uma grandiosa festa comemorativa pela passagem do IV.º Centenário da Companhia de Jesus.

..Além da substanciosa conferência pronunciada pelo dr. Hélio Simões, sobre o têma "Os Jesuitas no Brasil expoentes da raça", e do bélo discurso de agradecimento do Padre Luiz Gonzaga Mariz, S. J., houve um ótimo programa musical com óbras de Mozart, Wagner, Pe. L. G. Mariz S. J., Raul Ferrão e outros, executados pela orquestra e sólos a cargo das stas. Ada Furiati, Margarida Abreu e Elza Abreu.

CANÇÃO DO PIONEIRO

Com o presente número, RESENHA MUSICAL distribue aos seus assinantes mais um explêndido SUPLEMENTO MUSICAL, linda composição do compositor e regente Jorge Kaszás, intitulada: CANÇÃO DO PIONEIRO (Têma popular da Palestina), para côro.

Jorge Kaszás, nasceu em 1915 em Budapest, Hungria. Fez seus estudos musicais no Conservatório Nacional de Budapest. O jovem artista, óra domiciliado entre nós, em suas apresentações na Europa, colheu os maiores elogios da imprensa tanto como regente, como compositor.

EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS LATINO AMERICANOS

Organizado pela Sociedade Artistica e Cultural "La Insula", de Miraflores — Lima, em Perú, realizar-se-á em breve, uma Exposição de Artistas Latino Americanos, compreendendo aquarelas, agua-fortes, etc.

Sobre esse assunto, recebeu o sr. prof. Clovis de Oliveira, Diretor de RESENHA MUSICAL, daquela importante sociedade uma carta solicitando a presença dos artistas nacionais nesse importante certamen. Dando cumprimento a essa honrosa missão, o nosso Diretor enviou essa carta a Associação dos Artistas Brasileiros, de que é representante nesta Capital, a qual deverá se fazer representar enviando para aquela importante Capital, escolhida coleção de óbras representativas dos nossos melhores artistas.

INDICADOR PROFISSIONAL

BIBLIOTECA PIANISTICA INFANTIL

FACILITADA PELO MAESTRO JOÃO PORTARO

PARA PIANO A
QUATRO MÃOS

1 STRAUSS — Vozes da Primavera .. 3$000
2 BEETHOVEN — Minueto .... 2$500
3 OFFENBACH — Contos de Hoffman 2$500
4 MENDELSSOHN — Marcha Nupcial 3$000
5 BRAHMS — Dança Hungara ..... 3$000
6 SCHUBERT — Serenata .... 3$000